



MARIO YAMASAKI

Um dos Melhores ^áÁrbitros do **UFC**

Na minha ida para mais uma edição do Recife FC, na capital de Pernambuco, tive a oportunidade de entrevistar Mario Yamasaki, um dos árbitros que compõem o corpo de arbitragem do UFC, o maior evento de lutas do mundo. Mário se fez presente após contato feito por Denis Simões (seu amigo pessoal e também Cutman do evento).

O produtor do Recife FC Daniel Bastos, o “Cipó”, abraçou a causa e a contratação do Yamasaki como árbitro, dando ao espetáculo um peso muito maior, ainda mais pelas lutas da Kalindra Farias e de Vanessa Porto (a primeira feminina em Recife) e a belíssima Carol Dias - assistente de palco do programa Legendários da Record (fã e conhecedora de MMA) que atuou como ringue girl. A ida “inédita” de Yamazaki ao Recife fez com que outros promotores de eventos também o contratassem na região.

Nesta entrevista ele nos conta como foi sua ida aos EUA, o quanto foi sofrida e de que maneira entrou no UFC, dando assim início à sua carreira. Nos fala também, em primeira mão, sobre a criação de uma Comissão Atlética no Brasil e o porquê de seu retorno após 22 anos.



Foto: mmabrazukas.com.br

Vamos começar perguntando sobre um pouco de sua vida pessoal. O que pode nos dizer?

Nasci em 22 de abril de 1964, sou casado, tenho 2 filhos, um de 7 e outro de 3 anos, minha esposa é a carioca Alessandra Silverio.

Onde você mora, aqui?

Moro em Alphaville - São Paulo, depois de ficar 22 anos nos EUA, mas continuo na ponte aérea Brasil EUA.

Você foi pra lá quando?

Em 7 de dezembro de 1988, no começo não foi fácil, eu não falava inglês e não conhecia ninguém por lá.

Como você começou sua carreira?

Meu pai era judoca tendo se iniciado nessa luta-esporte aos 9 anos de idade com Sensei ONO. Ele e meu tio eram os dois únicos árbitros internacionais que fizeram 5 Olimpíadas, começaram em Montreal, terminando em Barcelona. Meu primo Shigueto Yamasaki competiu em Barcelona 92 e eu cresci com meu pai me levando para academias, me levando para viajar com ele e comecei a competir muito cedo, com 7 anos já competia. Muito cedo também comecei a dar aula no Colégio Assunção, em São Paulo, comecei com 15 anos dando aula de Judô no Training Club até a minha ida para os EUA. Meu mestre de Jiu jitsu, Marcelo Bhering, chegou em São Paulo em meados de 1986, 1987 e com ele comecei a treinar.

Então você é graduado faixa preta de Judô e Jiu-jitsu?

Isso. Comecei com Marcelo Bhering e terminei com meu irmão Fernando Yamasaki. Meu irmão treinou muito com ele.

Desde o final de 1988 eu estava nos EUA, então meu intercâmbio acontecia quando eu vinha pra cá e eles iam pra lá, era bem difícil. Tentei abrir uma academia nos EUA em 1989 mas ninguém conhecia o Jiu-jitsu lá e para cada um que entrava a gente tinha que provar quem a gente era, e descia o serrafo e ninguém voltava.

Bastante difícil então.

É. No começo a academia não deu certo e a gente tinha que fazer outras coisas. Entreguei jornal, fui garçom, dirigi caminhão e até uma limusine para um hotel de luxo, fiz até festa para o Bill Clinton. Aí o Ultimate chegou na televisão de novo em 1993. Em 1994 abri minha academia e reorganizei o Jiu-jitsu para não ser tão duro, era mais pra executivo, essas coisas, até a gente pegar nome.

Era um Jiu-jitsu mais leve então?

Um Jiu-jitsu mais leve e mais estruturado porque eu vim do Judô e eu misturei a filosofia e a disciplina do treino do Judô com a eficácia do Jiu-jitsu.

Chegou a ter quantos alunos lá?

Tenho mais de 800 alunos, hoje são 10 academias sendo 4 nossas e 6 em parceria com alunos da gente. Tem nos EUA, na Suécia, na República Dominicana, na Holanda.

Academias da família Yamasaki.

O nome é Yamasaki Academy e a gente não deixa ninguém que não treine com a família abrir academias. Já tivemos experiência antes de deixar pessoas de fora usar o nome, mas como Carlson Gracie falava, tem muito creonte por aí, né, então decidi só confiar na família, se com aluno já tem problemas imagine se não for aluno!

É verdade. Qual foi a influência dos Gracie na sua absorção do Jiu-jitsu e na sua formação?

Até hoje sou grato à família Gracie porque sem eles eu não estaria onde estou. Além deles terem modificado o Jiu-jitsu evoluindo para o Jiu-jitsu brasileiro. Eles começaram o Ultimate Fight e hoje se meu nome é o que é, é pelo Ultimate.

Como foi chegar no UFC, o que você teve que fazer?

Na época, foi em 1996, eu já tinha academia há dois anos, mas ainda a coisa era pequena, a maior competição da época era eu que fazia, não existia muito Jiu-jitsu nos EUA, eu era o primeiro e único em Washington, o mais perto de mim era o Renzo em Nova York. Meu irmão dava aula aqui no Brasil, na Fórmula academia em São Paulo. Ele ligou pra mim e disse que o pessoal queria trazer lutadores do Ultimate pro Brasil: "A gente tem um evento no Guarujá em uma semana e a gente quer trazer 5 atletas!" – se vira... eu pensei, como é que eu vou achar aqui

atletas para Ultimate, não sei quem são nem onde estão. A vida é um pouco de sorte, um pouco de oportunidade, naquele dia eu estava saindo da academia e vi um panfleto no chão, ia pegar pra jogar no lixo mas olhei e era uma propaganda do Dan Seven que ia estar no GNC dando autógrafos numa loja de suplementos alimentares. Na hora peguei o carro e fui pra lá. Antigamente não tinha muita popularidade, não tinha muita gente lá, só umas 20 pessoas e ele acabou ficando livre muito cedo. Conversando com ele, ele resolveu vir à minha academia, na época eu tinha uns 40 alunos só, mas quando eu cheguei com o Dan Severn na academia ninguém acreditou! Ele era o atual campeão do UFC 5. Ele me deu o telefone do manager, que era advogado, contatei ele e trouxe 5 atletas: Dan Severn, Bobish, Gari Goodridge, Don Frye e Geysa. Fomos pro Guarujá, uma semana, o dia inteiro de praia, eles adoraram o Brasil e eu fui convidado para, em 1996, assistir um Ultimate com eles. Foi o Ultimate 96 em que Don Frye lutou com o Tank Abbott na final, ainda era torneio

em que cada um lutava até três vezes, na época eu falei com uma senhora porque queria um poster pra academia. Ela disse que não tinha mas me deu um cartão que guardei na minha carteira. Só 1 ano depois me procuraram de novo pra trazer o Ultimate pro Brasil. Aí fui ver aquele cartão que era meu único contato, telefonei e a pessoa era o dono do Ultimate, Bob Mayoritz, dono antes dos irmãos Fertitas, eu liguei, disse que era Mario Yamasaki, eu não era ainda ninguém, mas ele atendeu o telefone: "Estou indo pro Brasil em 2 semanas e quero que você venha comigo!" Só que eu não tinha dinheiro na época, a gente estava no começo, não tinha dinheiro nem pra comprar a passagem. A Fórmula se comprometeu a pagar mas

depois disse que não ia pagar mais. Eu tive que ligar de volta pro Bob, ele ficou bravo, me xingou e desligou. Aí liguei pro meu irmão e também fiquei bravo com ele, xinguei, então ele foi na Fórmula e acabaram pagando minha passagem. Em 2 semanas eu estava viajando. Lá perguntei pro Bob porque ele tinha me escolhido. Na época tinha o Vitor Belfort, o Carlson Gracie, o Walid e todo mundo queria trazer o UFC para o Brasil.

Todos eles já tinham tentado e não tinham conseguido.

É, mas acho que não foi nem porque não conseguiram. Quando perguntei a ele por que me escolheu, ele disse: "Quando eu estava pensando no Brasil você foi o primeiro a ligar!" Daí comecei a conhecer o pessoal, viemos pra cá e no Sportv já passava um pouco de Ultimate aqui, até o Sergio Batarelli trabalhava com eles.

E o Ultimate aqui, como foi?

Acabamos ajudando na organização, não tinha ônibus pra pegar ninguém no hotel, a gente começou a chamar os

“**Até hoje sou grato à família Gracie porque sem eles eu não estaria onde estou. Eles começaram o Ultimate Fight e hoje se meu nome é o que é, é pelo Ultimate.**”

amigos e levar os atletas nos próprios carros e fizemos o Ultimate aqui. Foi quando conheci o John McCarthy e lhe perguntei: "Por que você é o único árbitro do Ultimate?" Ele disse que estava procurando alguém mais pra começar e eu me candidatei e daí nunca mais saí.

Então pode-se dizer que realmente foi bastante sorte pegar no chão um folheto pra jogar no lixo e daí toda sua carreira começou!

Com certeza, por isso que eu digo que oportunidades aparecem para todo mundo, basta você enxergar e tirar proveito.

E como foi essa sua entrada no UFC como árbitro, qual foi a sensação de você conseguir seu objetivo?

No começo foi mais por amor, eu sempre gostei de artes marciais, sempre gostei de lutas e eu queria estar no meio. Como meu pai era árbitro internacional e dava cursos de arbitragem, pra mim foi legal tudo isso porque eu viajava muito. Só que na época eles não me chamavam, eu tinha que correr atrás, até pra pegar crachá era uma loucura. A coisa não era tão organizada como é hoje. E ainda tinha o pessoal da antiga que começou a me tratar mal porque eu estava entrando na área deles. Eu era novo, muito legal com todo mundo e continuei, me estabilizei como árbitro e passaram a me contatar direto pro Ultimate e nunca mais parei. O John McCarthy me ajudou muito, foi um mentor, um pioneiro. As regras do Ultimate também foram evoluindo em cada evento. Por exemplo, aqui no Brasil teve uma luta Pat Miletich com o Mikey Burnett e eles estavam de shortinho estilo Bad Boy, aquele shortinho colado e cada um ficava segurando o short do outro que passou a entrar no traseiro deles, ficou até desagradável vendo na televisão. E acabou que mudaram as regras e já não se pode segurar no shorts. No Octagon, um lutador jogou o outro fora da jaula e daí a regra passou a proibir jogar o outro lutador fora da jaula. Uma vez o Royce agarrou o cabelo do Kimo então não podia mais agarrar cabelo. Eles foram mudando as regras pro evento ficar cada vez melhor.

Foram surgindo situações e as regras foram sendo modificadas e até surgindo novas regras!

Com certeza, porque como é um esporte novo, evoluiu muito rápido e o que mudou bastante foi a televisão porque tiveram que se moldar pra fazer uma coisa pro telespectador ver. Era até brutal pra muita gente, mas a televisão deu uma lapidada no MMA que é hoje um novo esporte, uma evolução que a gente viu nascer. Falar de Judô, Karate, Kung Fu... são milenares, nunca vai se conhecer quem os inventou e eu tive o prazer de conhecer e tirar fotos com quem criou o Jiu-jitsu brasileiro, Mestre Hélio, Carlson, Carlos Gracie

e eu agora faço parte da história do MMA e daqui a 100 anos meus netos e bisnetos vão poder ver o início de tudo através da história que começou nos dias de hoje.

Você está com o nome reconhecido e já faz parte da história, praticamente da criação e da evolução do UFC.

Com certeza. O UFC agora é uma entidade que tem o MMA que é um esporte, então hoje nos EUA fala-se muito de regras modificadas de MMA, no Brasil ainda se fala em regras do UFC. Hoje o UFC não pode mais trocar regras, não é mais como antigamente quando se acontecesse alguma coisa trocavam a regra no dia seguinte. A Comissão Atlética tomou conta dessa parte, é muita burocracia agora poder mudar uma regra e teve até um rebuliço aí pra querer mudar um pouco a regra, porque as regras vieram do Boxe. No Boxe são 12 assaltos, pra você tirar um ponto de um assalto não vai prejudicar o atleta que tem mais 10 ou 11 pra recuperar esse ponto. No MMA são 3 assaltos e se você tirar um ponto de um assalto pra recuperar é difícil.

Estão tentando tirar um pouco do Boxe do MMA.

Qual foi a luta mais emocionante que você arbitrou?

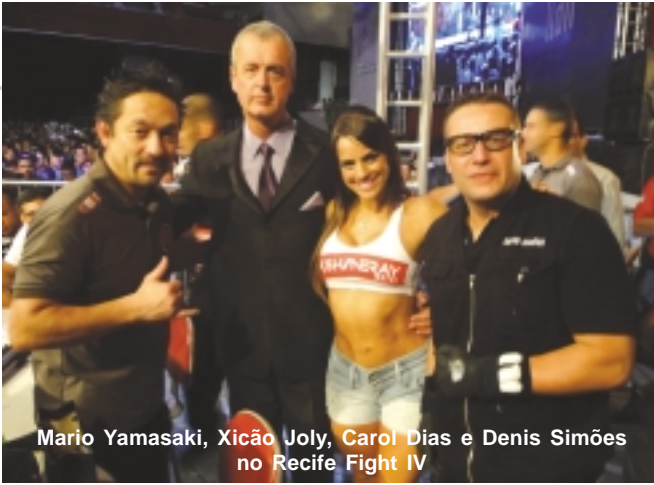
A mais emocionante foi minha primeira luta, a de Fabiano Iha e Levern Clark e o meu primeiro cinturão que foi Tito Ortiz com Chuck Lydell. Foram as que marcaram mais, um certo nervosismo, coisas novas... hoje arbitro lutas com Anderson Silva, Vitor Belfort, muito divulgadas. Lembro que a primeira vez em que fui arbitrar uma luta de título estava nervoso e o John McCarthy veio até mim e disse: "É só mais uma luta, é cinturão, vale campeonato mas é uma luta normal." E isso deu uma aliviada, me ajudou muito e eu troquei muita coisa da minha cabeça porque a

gente não quer errar e prejudicar o atleta que à vezes passa fome, sempre passa dificuldades, treina duro, então é difícil pra um árbitro não cometer nenhum erro, como parar a luta antes e prejudicar o atleta. Eu tento ser sempre o mesmo, pode ser um cara de quem eu goste ou não goste eu não mudo quando arbitro por isso sou muito respeitado no mundo, pra mim brasileiro, japonês, coreano... não tem problema, é a mesma coisa.

E qual a sensação de você arbitrar dois compatriotas?

É a mesma coisa, é uma luta, eu vejo dois lutadores. A gente tem nossos gostos, nossos ídolos, é normal também sou humano, mas na hora eu nem assisto à luta, as pessoas me perguntam quem ganhou, cara, não sei! Porque quando arbitro tento ver as falhas e as faltas de quem está lutando não a luta em si, então às vezes eu não fico prestando atenção em cada assalto em si mas estou vendo as técnicas do cara, só vendo os erros dele, as técnicas que usa, o que faz de errado, no que precisa de ajuda, se

“O John McCarthy me ajudou muito, foi um mentor, um pioneiro. As regras do Ultimate também foram evoluindo em cada evento.”



Mario Yamasaki, Xicão Joly, Carol Dias e Denis Simões no Recife Fight IV

está machucado, se está nocauteado. Minha cabeça é totalmente diferente do árbitro de mesa que tem que ver a pontuação, o quanto é mais eficaz. Eu nem penso nisso, só penso em ver se o cara não dá cabeçada, se pega na grade, no short, essas coisas, uma série de coisas que a gente tem que ver de maneira totalmente diferente do telespectador, mas sim como árbitro mesmo.

Você tem acompanhado alguns eventos pelo nosso país, tem arbitrado muitos como aconteceu agora em Recife no Recife FC. Como você vê a organização dos eventos de maneira geral...

Como eu já arbitrei várias vezes aqui no Brasil posso dizer que dos anos que venho pra cá vejo que o esporte aqui evoluiu bastante, começou aqui e teve que ir pra fora pra se lapidar e se tornar um esporte de elite pra depois voltar pra cá, porque o brasileiro é um pouco atrasado nesse ponto, porque é difícil mudar o pensamento do povo aqui, mas está mudando! Cada vez em que eu vou num evento eu vejo que está ficando cada vez mais organizado, está mudando aquele desleixo de antigamente e precisa continuar mudando. O próprio público não quer pagar pelo ingresso, o próprio público acha que tudo que a gente faz tem que ser de graça, eu falo assim pelos meus amigos que, ao verem que estou fazendo um evento, ficam pedindo coisas, como camisetas e eu digo "estou gastando dinheiro, estou tentando fazer a coisa melhorar, investindo nisso, se você vem me pedir coisas de graça você não é meu amigo."

Antigamente um evento de luta aqui era pancadaria na arquibancada, hoje mudou muito, acho que até o público está se profissionalizando.

Por isso que o MMA tinha acabado aqui! Por causa das brigas, muito feias, e até hoje quando pego num microfone falo que o povo tem que ver cada luta como a prática de um esporte, pode e deve ter seus ídolos, isso é ótimo, mas tem que haver uma atitude profissional em tudo.

De que maneira você vê a arbitragem nacional, o que está faltando, o que precisa ser feito... nós soubemos em primeira mão que você está montando uma Comissão Atlética.

Eu já tive 3 reuniões, até com Carlos Barreto, no Rio de Janeiro, e a gente está criando a Comissão Atlética pra tentar educar as pessoas, ensinar um pouco mais, dar um

curso de arbitragem... estou terminando meu curso de arbitragem, são 2 dias de 8 horas por dia, uma coisa que abrange desde a entrada no evento até o final, e tudo que dele faz parte, como a presença de um médico e não paramédico, enfim tudo que você tem que saber meu curso abrange.

Tem que ser faixa preta pra entrar?

O curso é aberto pra todo mundo porque visa educar, você não precisa ser atleta mas para passar no curso tem vários requisitos e um dos que eu faço é de que você tenha uma noção de arte marcial. Se você nunca fez Jiu-jitsu, Judô, Boxe ou Thai Boxe dificilmente irá passar no meu curso. Mas a gente indica pra você que academia fazer. É um curso cansativo mas abrange tudo e eu acho que o brasileiro peca ainda pelo coração... eu sou respeitado no mundo todo pela imparcialidade, pode ser meu irmão, meu primo, meu amigo, se apanhou não vai ganhar a luta, não vai existir essa "camaradagem" na decisão em que o amigo da casa é sempre o que vai ganhar a luta. Eu não concordo com isso! E procuro ser justo.

Tem ocasiões aqui no Brasil em que se você não nocautear ou finalizar, o perdedor pode ganhar por pontos! O que é muito injusto! Por isso não gosto de ser juiz mesário, às vezes eu faço porque não tem outra pessoa, mas não gosto de fazer. Também vejo árbitros que cometem barbaridades querendo ajudar um ou outro lutador.

Voltando ao seu curso atual que está terminando, já tem data prevista para o próximo?

Todo ano a Comissão Atlética inteira dos EUA troca muita informação e todo Estado tem uma comissão e este ano vai ser em Washington e eu fui convidado pra dar um curso pra eles lá mesmo em Washington, em julho. Mas eu queria fazer antes um aqui no Brasil em junho deste ano como um pré pra mim mesmo e chegar lá fora no melhor de mim.

Adquirir mais know how ou aplicar o know how que você já tem. Isso vai facilitar bastante.

Vai ser muito bom pra todo mundo aqui porque vai abrir a mente de muita gente. O que acontece nos EUA é que tem atletas que pagam por fora pra cuidarem deles, como no personal.

Um comentário que eu queria fazer é sobre Denis Simões que considero o primeiro Cutman brasileiro, esta atuando muito bem, qual sua opinião sobre o trabalho dele, está dentro dos padrões internacionais no que está fazendo?

Com certeza é um cara que está se esforçando, para mim ele é o melhor do Brasil, confio bastante nele e até me prontifiquei em trazer várias coisas pra ele agora e assim ele vai poder abrir um curso dele.

Temos que fazer um trabalho de conscientização quanto a cuidar dos atletas. Se o promotor brasileiro se preocupa em diminuir 100 reais de uma passagem, você acha que ele vai se preocupar com o atleta?

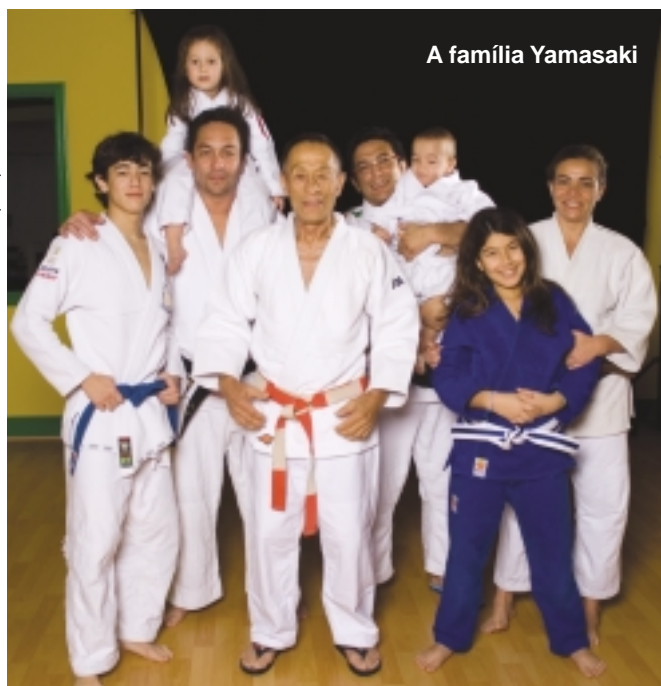
Claro que não, isso é uma coisa que passa negativamente no esporte. Se alguém se machuca seriamente não tem os cuidados ali, isso repercute no mundo inteiro. Hoje a internet fez o mundo ficar pequeno, acontece uma coisa aqui e todo mundo fica sabendo. As empresas brasileiras ainda não viram o potencial do MMA. Nos EUA o MMA está crescendo muito, o UFC é patrocinado pela Gatorade, por exemplo.

Nós vamos ter um UFC dia 27 de agosto no Rio de Janeiro. Você acha que essa vinda pode ter dois lados, ser benéfica ou não ser tão boa para o esporte no país? Eu não vejo como não ser bom isso! O Brasil vai sediar a Copa do Mundo de futebol, vai ter uma Olimpíada, então agora é hora de investir no Brasil. Como brasileiro a gente quer ver nosso país reconhecido cada vez mais lá fora. Fiquei 22 anos nos EUA, juntei o que tinha que juntar mas voltei porque sou brasileiro e amo meu país.

E você trouxe um knowhow enorme de lá.

É, e também um equipamento de treinamento suspenso que se chama TRX, importar para o Brasil é muito caro, então vou fabricar aqui mesmo com as mesmas qualidades dos EUA e vou distribuir pela América Latina. É um equipamento que você pode usar onde quiser, pode pendurar na porta, numa árvore e ele tem mais de 300 tipos diferentes de exercícios, um material educacional que vai melhorar a performance do atleta, sem dúvida!

Dia 27 de agosto o MMA vai dar uma chance ainda maior para os bons atletas. Vão ter sua vez! O MMA está penetrando na televisão, tem Rede Globo, Ana Maria Braga, Fantástico, Jô Soares, Ratinho... são coisas que repercutem muito positivamente.



A família Yamasaki

Foto: arquivo pessoal

E eu acho que depois do dia 27 vai ter outra alavancada! No Brasil inteiro estão acontecendo muitos eventos de MMA, isso é importante para o atleta saber para onde ir, onde participar, tanto pra quem está começando como para os que já possuem uma certa experiência e precisam continuar progredindo. Sempre existem aqueles que dizem que fazem..... mas não fazem, mas quem é profissional mesmo, quem é correto sempre vai prevalecer!

Isso é uma coisa que eu queria ouvir! A gente que vive no meio e –sobrevive- sabe que há pessoas que estão fazendo bem feito, isso deve permanecer por cima daqueles aventureiros que estão começando agora. Com certeza, porque o público também tem que entender e diferenciar isso.

E o atleta sempre merece respeito, aquele que se esforça de verdade e não tem esse apoio.

Como o MMA é um esporte novo, eu acho que tudo que o faz evoluir na direção certa é válido. Mais pra frente vou querer abrir uma agência de empresariamento para o atleta, uma organização mesmo. Você não pode pôr qualquer atleta para lutar com qualquer um só para ter luta! Você tem que cuidar da carreira do atleta, tem que escolher a hora certa para ele ir lutar. Na ânsia de fazer carreira o atleta pode ser pego de surpresa e aceitar uma luta desigual em que ele não terá chance. O prazer do atleta é subir no ringue, mas precisa ver como fazer isso. É uma coisa errada aqui no Brasil e o que acontece muito é pôr atletas mais fortes em frente a atletas muito fracos. Eu posso ter 10 lutas e nenhuma derrota, mas precisa ver com quem eu lutei!

São 5 horas da manhã e eu gostaria que você deixasse um recado pro pessoal da revista Combat Sport e agradecer a sua boa vontade, sua vinda. Seu recado então àqueles que querem fazer um curso, que querem melhorar, que querem um MMA mais forte, aos profissionais qualificados.

Eu queria agradecer a oportunidade porque toda mídia é importante, dizer que a gente está se atualizando, é importante as pessoas saberem o que está acontecendo no meio, procurarem se informar cada vez mais, ampliar conhecimentos, apoiar mais os eventos, se conscientizar em pagar para ver seus ídolos porque assim os está prestigiando. O MMA no Brasil precisa de muito apoio não só de empresas mas do próprio público porque se tem público as empresas vão querer investir então a gente tem que mudar um pouco a cabeça dessas pessoas. Os Estados precisam apoiar seus lutadores locais, de suas cidades, fazendo cada vez mais eventos, de qualidade, e que também não deixam de ser uma diversão sadia pro espectador. A gente começou nosso esporte por amor, hoje é um pouco mais que negócio, mas eu continuo amando o esporte, estou lá dentro, é emocionante pra mim. Todo mundo deve apoiar e saber ser educado dentro e fora do evento, QUEM LUTA NÃO BRIGA!!

site: www.grappling.com email: yamasaki@grappling.com